

Que confusão !

Por incrível que pareça eu dormi no ônibus! Juro que foi a primeira vez que isso aconteceu! Se a minha mãe ficar sabendo eu vou levar uma bronca daquelas! Ela não vai me dar uma sova porque sabe que eu sou um bom menino; não faço artes e não sou malcriado. Acho que eu estava muito cansado, afinal ontem nós jogamos bola lá no campinho quase a tarde inteira. Hoje eu também não tenho aula; não entendi o motivo, e nem quero saber. Pedi para minha mãe deixar eu ir até a casa da minha avó, (lá eu sou tratado como um reizinho) e ela deixou.

Então saí de casa, mas acho que peguei o ônibus errado. Aqui não parece ser o bairro da Mooca. É melhor eu perguntar ao cobrador, uma vez que tem pouca gente no ônibus.

- Moço, este ônibus não vai pra Mooca ?

* Mooca? Você está muito longe de lá, menino. Aqui é quase Bom Retiro, e depois nós vamos passar na Barra Funda, Lapa, não tem nada a ver com a Mooca. Você pegou ônibus errado.

- Xi! Que confusão! O Bom Retiro eu já conheço; minha tia mora lá. Acho melhor eu descer e ir até a casa dela ou pegar o ônibus certo.

* Liga pra ela, dizia o cobrador, querendo me ajudar.

- Ligar?

* É, telefone pra sua tia!

- Ela não tem telefone...

* Não?

- Não. Telefone é caro! Acho melhor eu descer.

* Então tá, eu só quero ajudar...

- Obrigado, mas eu preciso pagar a passagem; deixe eu pegar o meu dinheiro aqui no bolso...

* Dinheiro? Eu não tenho troco. Você não tem cartão?

- Cartão?

* É, cartão...

- Tenho o do meu pai.

* Serve, não tem problema.

Abri o meu porta notas e peguei o cartão todo branquinho do meu pai. O que será que o cobrador faria com ele?

* O que é isso?

- O cartão do meu pai, o senhor não perguntou?

* Que cartão é esse?

- É o cartão dele...

* Deixe eu ver melhor: *João de Oliveira Pimentel – Contador – Rua Santo Amaro, 33 – Bela Vista.*

* Mas isso é um cartão de visita! E que engraçado, não tem telefone.

- Já falei para o senhor que telefone é caro!

* Como caro? Eu tenho dois, minha mulher tem um, e até minha filha menor já tem o dela.

- Nossa! Então o senhor deve ser rico!

* Rico? Eu? E trabalhando de cobrador de ônibus?

- Então a CMTC deve pegar bem.

* CMTC ?

- É, o nome da empresa de ônibus.

* A minha empresa se chama Santa Brígida; nunca ouvi falar dessa outra.
- Eu não sabia. Desculpe! Posso descer sem pagar?
* Pode.
- O senhor puxa a cordinha pra dar o sinal?
* Que cordinha?
- Pra descer; aqui já é Bom Retiro, estou reconhecendo algumas ruas.
* O ônibus não tem mais essa tal de cordinha.
- Então posso passar por baixo da borboleta?
* Borboleta é como eu chamava antigamente, quando era do seu tamanho, hoje é catraca, esqueceu?
- Pra mim é borboleta.
* Tá bom. Passe e desça. Cuidado para não se perder de novo, menino, você é meio complicado, sei lá...

Complicado é ele, que acha que todo mundo pode ter telefone! Onde já se viu! Bom, o que importa é que estou aqui no Bom Retiro. Menos mal, pois conheço essas ruas, e sei como chegar à casa da minha tia. Pensando bem, hoje é quinta-feira, dia de feira livre! Vou passar por lá e comprar algum gibi usado na banca do “Pelé”. Se eu soubesse que viria aqui, eu traria alguns para trocar pelos do “Fantasma” ou “Os Sobrinhos do Capitão” meus preferidos.

Faz tempo que eu não ando por aqui; algumas coisas parecem diferente, talvez estranhas, acho que é só impressão minha. Ainda lembro desse bar antigo bem aqui na esquina e vejo um moço no balcão ao lado de uma garrafa de coca-cola, e até a música eu conheço: É “Beatles”, inconfundível. Eles fazer o maior sucesso! Toca em todas as estações de rádio.

Acho engraçado que muitas pessoas andam escutando rádio bem colado no ouvido, um tipo de radinho bem pequenininho e preto. Será que é alguma partida de futebol importante que estão escutando? Mas a essa hora da manhã? Ah! Só pode ser a final de algum campeonato internacional disputado lá fora... Vi as manchetes dos jornais “Folha de São Paulo” e “Estado de S.Paulo” e os dois comentam: Santos F.C. Tricampeão da Libertadores da América! Até aí tudo normal; sou santista e sei que ganhamos em 1962 e 1963, e não demorou muito para sermos Tricampeão, agora em 1967.

Outra coisa que reparei é que quase todo mundo veste calça “Lee” mas elas não estão muito desbotadas. Isso é caro! Como elas conseguem? E com tantos modelos diferentes! Eu conheço só as marcas “Lee” “Lewis” “Kone” e a “Wrangler”. Que estranho... meus amigos precisam saber disso.

Não localizo a banca de revistas usadas do “Pelé”, sei que ficava bem aqui, a primeira da feira, não estou enganado. Vou perguntar para aquele homem na porta da farmácia, talvez ele saiba:

- Moço! Aqui não ficava a banca das revistas?
* Banca do quê?
- A banca do “Pelé”, de trocar gibis...
* Aqui não tem nenhuma banca de gibis.
- Mas sempre teve, não estou enganado.
* Está sim, eu moro por aqui há mais de 20 anos e nunca teve banca. Não é a banca de jornal?
- Não, ela é para trocar gibis e revistas usadas.
* Sinto muito, você está na rua errada, mas me diga uma coisa: Onde você conseguiu essa bolsa azul?

- Essa, da VARIG?
- * Essa mesmo, eu ando procurando uma igual e não acho. Você comprou pela Internet?
- Comprei onde?
- * Pelo *site* onde todo mundo compra as coisas ...
- Desculpe mas eu não conheço essa loja. A bolsa eu ganhei da minha irmã, ela trabalha lá, mas não é aeromoça, ela é auxiliar de escritório.
- * Mas a VARIG fechou, como é que ela ainda trabalha lá?
- Moço, isso eu não sei dizer.
- * Quer vender ela pra mim?
- Vender a minha bolsa?
- * E por que não? Eu coleciono. Pago 20 nela, no estado em que está.
- 20?
- * É pouco? Que tal então, 30?
- O senhor não acha que é pouquinho? Ou está brincando?
- * Falo sério! Na realidade eu quero comprar duas.
- Vou pensar... Primeiro deixe eu passar pela feira; depois a gente conversa.

Mais um moço estranho. Acho que hoje não é o meu dia. Tudo por causa do ônibus errado que eu peguei. Eu tinha de dormir justamente nele? Até parece que foi uma eternidade!

Não posso perder mais tempo. Vou atravessar a feira, e lá no final do último quarteirão fica a casa da minha tia.

Por um momento fiquei com saudades dos tempos em que eu vinha na feira com a minha mãe, ajudar a carregar as compras, e até escolhia algumas coisas das quais gostava.

Lembro que logo aqui na frente havia um furgão do Café Tiradentes que moía o café na hora! Que cheirinho bom! ... Mas não estou vendo ele. Talvez o carro quebrou e eles não vieram hoje, deve ser isso.

A barraca do peixe continua na mesma posição, só que não embrulham mais com jornal... É um papel branco, sofisticado.

E as barracas das bolachas? Também não estão aqui? Poxa, a feira ficou chata. Justo as bolachas... Não vou me atrever a perguntar, porque vão querer me enganar de novo, dizer que nunca foram aqui, que estou na feira errada, etc, mas eram aqui, sim, eu lembro até o nome das bolachas que minha mãe comprava: palitinho de chocolate, rosquinha de coco, casquinha japonesa e uma tal de “boa tarde”. Gosto dessa última. A gente abria as latas com tampa de vidro, ia tirando, colocando no saquinho de papel, e depois a dona da banca pesava tudo, fazia a conta com um lápis bem apontado. Eu ganhava até algumas para experimentar... Nessa banca a gente também comprava doce de leite e doce sírio, cortado em pedaço, que delícia! Fiquei com vontade. No bairro onde moro agora, não temos feira livre, é pena... Mas e a banca das bolachas?

Depois da curva tem a banca do palmito. Eu gostava de parar lá e vê-lo manusear o facão cortando os palmitos. Olho interessado pelos arredores: as frutas, as verduras, o tomateiro, a barraca dos legumes, o homem das bananas, porém nem sombra do Sr. Almino, o palmito.

Uma senhora chega ao meu lado, olha pra minha roupa e pergunta:

- * Você está perdido na feira?
- Não estou. Aonde é a banquinha do Sr. Almino? A senhora sabe?
- * O Almino palmito?

- Ele mesmo, até que enfim alguém que conhece alguma coisa por aqui, onde é, dona?

* Era. Ele morreu faz muitos anos, e pela sua idade, garoto, é impossível que você tivesse conhecido ele. Faz uns 20, talvez 30 anos, e além do mais é proibido vender palmito, não é ecológico; sou professora aposentada e sei disso. Na sua escola não falam?

- Eco... o quê? Não sei o que falar pra senhora. Eu vinha comprar palmito por aqui, e lembro dele, posso até descrevê-lo: Moreno, bem alto, com um chapelão ...

* Não duvido, filho, mas eu preciso ir, estou atrasada; outra hora a gente conversa...

Mais uma pessoa tentando me confundir, enganar, ou sei lá; que coisa engraçada... E novamente todo mundo (ou quase) usando calça “Lee”. Na feira? Isso já é demais, como pode?

Estou chegando perto da casa da minha tia, só falta um quarteirão, viro pra direita e pronto. Vou tirar algumas dúvidas com ela, principalmente por causa dos radinhos que vejo junto das pessoas. Algumas até falam nele; deve ser música e elas estão acompanhando. Na feira? Aqui não é lugar pra isso.

Cheguei ao fim da rua, aleluia, agora é só virar e ... Nossa ! Como é possível? De onde saiu esse prédio tão grande? Cadê a casa? Faz tempo que não venho aqui, é verdade, mas não daria tempo para derrubarem tudo e construir o prédio. E a papelaria grande que havia ao lado da casa? Também não estou localizando. A rua é esta, tenho certeza, e a placa aqui em cima não deixa dúvidas. Sou eu que escrevo os cartões de Natal que a gente envia, e sei de cor o endereço de todos os nossos parentes e amigos.

E agora? Perguntar? Nem pensar, vão me achar com cara de bobo, ou coisa assim, acho melhor voltar, e pegar um ônibus pra minha casa, já perdi muito tempo e não consegui fazer nada.

Apenas mais uma observação: Passo na porta de uma escola (que não reconheço) e vejo todo mundo entrando, sem uniforme, porque será? Na minha escola é obrigatório usar uniforme, senão a gente não entra, e a maioria dos alunos daqui, tem uma bolsa pendurada nas costas. Que diferente... são coloridas e algumas até grandes, parece aquelas de acampamento! Será que eles vão fazer alguma excursão? Mas a escola toda vai? Numa quinta-feira?

Vou atravessar a rua, chegar até a Avenida, e lá eu pergunto para algum policial onde pegar o ônibus. Ainda bem que eu tenho uns passes a mais e posso pagar a passagem do ônibus.

Puxa, o cordão do meu sapato desamarrou, sou capaz de tropeçar ...

De fato, caí com tudo, que vergonha!

... De repente estou no ônibus novamente, caído no chão. Abro os olhos e ...

* E aí garoto, tudo bem? Eu percebi que você estava dormindo, e logo imaginei: Numa curva mais forte ele pode até cair; não deu outra. Você se machucou?

- Eu..? Não. Está tudo bem. Só peguei no sono, e até sonhei! Que confusão...

* Sonhar é confusão?

- Não é isso que eu quis dizer. Deixa pra lá. A senhora não vai entender...

* Tudo bem, só quero ajudar, desculpa! (Essa turminha de hoje, parece que vive no mundo da lua, e nem dorme direito. É tudo culpa dessa tal de Intrenete... !)

Nelson Di Francesco, fevereiro de 2013.